



Apoiadores do ex-presidente Donald Trump acompanham apuração dos votos da Super Terça na mansão de Mar-a-Lago, na Flórida

Em Super Terça, Trump confirma dianteira e leva ao menos 11 estados

Ex-presidente acumula vitórias frente a Nikki Haley, sua última rival dentro do Partido Republicano

Victor Lacombe

SÃO PAULO O ex-presidente dos EUA Donald Trump foi o grande vencedor da Super Terça e conquistou ao menos 11 dos 45 estados em uma disputa sem grandes surpresas, coroando uma campanha na qual seus rivais desistiram um a um e praticamente encerrando a corrida interna do Partido Republicano para escolher seu candidato à Casa Branca nas eleições de novembro.

Com a vitória, Trump fica muito mais perto do número de delegados de seu rival mais próximo, o que deve acontecer na próxima terça (21), quando mais quatro estados votam e os delegados estão em jogo. Para garantir a candidatura oficialmente, Trump precisa somar 1.215 delegados —no melhor dos cenários para ele, chegar a 1.184 com o que está em jogo na Super Terça. A convenção nacional do partido acontece de 15 a 18 de julho, e a eleição, dia 5 de novembro.

O triunfo de Trump sobre sua única rival restante, a ex-governadora Nikki Haley, já era esperado, e até a conclusão desta edição, ela seguiu sem vitórias nesta Super Terça. Seu único respiro na série de derrotas foi no Distrito de Colúmbia, mas ela perdeu mesmo na Carolina do Sul, seu estado de origem, e teve um desempenho constrangedor em Nevada, onde a opção "nenhum dos candidatos" somou mais votos que ela —Trump estava fora da eleição.

Até o dia, eleitores de 15 estados votaram na terça nas primárias republicanas: Alasca, Alasca, Arkansas, Califórnia, Colorado, Maine, Massachusetts, Minnesota, Carolina do Norte, Oklahoma, Tennessee, Texas, Utah, Vermont e Virgínia. Por isso, a Super Terça é uma data importante no calendário eleitoral americano, e em anos em que a corrida é mais acirrada, costuma afunilar a disputa e definir um favorito.

Neste ano, entretanto, não havia grandes divisões de que Trump sairia vencedor, e sua revanche contra o atual presidente, Joe Biden, pela Casa Branca em 5 de novembro já é virtualmente certa. Em uma pesquisa realizada pelo New York Times e pela CNN, o ex-presidente tem 48% das intenções de voto contra o atual chefe do Executivo, que marca 41%.

Membros da campanha de Haley torciam por uma zebra

na Virgínia, onde há mais eleitores de alta renda e escolaridade —duas características que tornam mais provável que um republicano apoie a ex-governadora em vez de Trump, mais forte entre eleitores menos escolarizados e de áreas rurais.

Confirmadas as vitórias de Trump nesta terça, Nikki Haley já indicou que deve anunciar sua desistência.

Antes da Super Terça, o empresário acumulava 272 delegados, obtidos com as vitórias em Iowa, New Hampshire, Nevada, Carolina do Sul, Ilhas Virgins, Wyoming, Idaho, Michigan, Missouri e Dakota do Norte. Haley tinha apenas 43 —desse, 19 foram obtidos na sua única vitória até agora, no Distrito de Colúmbia, no último domingo. O restante veio do cálculo proporcional por ter ficado em segundo ou terceiro lugar em outras disputas.

A atribuição e a situação da economia são os principais temas de preocupação para os eleitores. Trump tem feito ataques cada vez mais contundentes a imigrantes, e prometeu expulsar os que não tiverem recorde de voto. Ao mesmo tempo, Biden culpa um impasse no Congresso republicano, relacionado também ao apoio dos EUA à Ucrânia e a Israel, pela crise na fronteira.

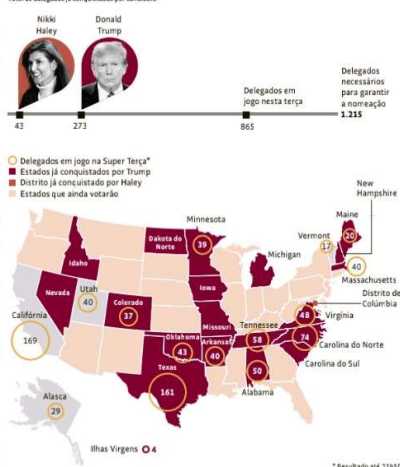
Nas primárias democratas, Biden venceu com tranquilidade seus dois oponentes, os senadores Marianne Williamson e Dean Phillips, e não voltou a enfrentar uma rebelião interna como a que ocorreu em Michigan, quando um nome repulso de eleitores votou um branco: como forma de protesto contra a política do presidente na Faixa de Gaza.

Até a conclusão desta edição, o atual presidente teve sua vitória confirmada nesta terça-feira nos estados de Iowa, Virgínia, Vermont, Carolina do Norte, Tennessee, Olatoma, Maine, Massachusetts, Arkansas, Alabama, Texas, Colorado e Minnesota.

A confirmação de Trump e Biden como os candidatos à Presidência após a Super Terça desencadeia um cenário recheado por boatos de desistência de Biden e a possibilidade de que ele não seja o candidato final. No entanto, mostrou que cerca de 6% dos eleitores votaram em candidatos de ver os mesmos candidatos na eleição presidencial e que gostariam de alguém novo. Assim, o cenário que se desenha é o de uma corrida longa entre dois candidatos populares.

Super Terça selou vitória de Trump em eleições primárias

Total de delegados já conquistados por candidato



Partidos testam nova regra eleitoral na Carolina do Norte

Fernanda Perrin

RALEIGH (CAROLINA DO NORTE)

Apresentar um documento com foto na seção eleitoral para votar é algo básico no Brasil. Na Carolina do Norte, é uma novidade introduzida por uma reforma que, na visão de críticos, tem o objetivo de afastar eleitores em um estado crucial para a eleição presidencial deste ano. O primeiro teste das novas regras foi realizado nas primárias deste terça-feira (5).

No ano passado, o estado aprovou uma série de mudanças nas suas regras eleitorais, na esteira de uma tendência que ganhou força após as acusações de fraude feitas por Donald Trump ao perder o pleito de 2020 para Joe Biden.

“É um equilíbrio que precisamos alcançar entre garantir a segurança das eleições e não privar eleitores de seus direitos”, afirma Karen Brinson Bell, diretora-executiva do Comitê Eleitoral da Carolina do Norte. Trabalhando nos bastidores da burocracia, ela não esconde o desconforto de se ver de repente sob os holofotes. “É difícil. Antigamente a gente só era noticiada se algo dava errado. Agora somos notícia não importa o que aconteça”.

Quem enviou o voto por correio, caso de dois terços dos eleitores do estado, precisa incluir agora cópia de um documento com foto. Além disso, o período de três dias após a eleição em que essas cópias eram aceitas foi eliminado.

Em conjunto, as mudanças tendem a reduzir a participação eleitoral de jovens, idosos e grupos marginalizados, sobre o qual agora há uma preocupação da população do estado—,

afirma a professora Deondra Rose, da Universidade Duke. A Carolina do Norte está no centro das atenções porque o estado será um dos principais campos de batalha pela Casa Branca em novembro. A população é uma das que mais cresce nos EUA, alterando o equilíbrio entre democratas, republicanos e independentes.

Desde a eleição de 2020, o estado ganhou quase 400 mil habitantes —o grosso vindo de outras regiões do país, mas também imigrantes hispânicos. No pleito, Biden perdeu para Trump por apenas 74 mil votos. Por isso, democratas têm esperança de conseguir virar a votação no estado neste ano.

“Para Biden, vencer no estado não seria suficiente; para Trump, uma necessidade”, diz Asher Hildesbrand, professor de ciência política na Universidade de Duke. “Não há caminho para a vitória de Trump que não inclua a Carolina do Norte”.

MUNDO LEU

Livros, filmes, séries, podcasts e o que mais houver para tentar entender o mundo

Coletânea resgata obra de historiador brasileiro

João Batista Natali

SÃO PAULO A historiografia mais saborosa é aquela que junta pontas que imaginamos bem separadas. Por exemplo, a designação de duque de Essex na história da monarquia britânica.

Quem primeiro ostentou o título foi o príncipe Augustus, um tio da rainha Vitória. Era bonito e sedutor. Casou-se duas vezes sem pedir autorização ao rei, como exigia a regra da época. Adorou a rainha Maria II e se mudou para Portugal, onde a rainha dona Maria foi afastada do trono por problemas mentais. O mesmo aconteceria então em Londres com o rei George V, pai de Augustus.

O atual duque de Essex é o príncipe Harry, marido da ex-atriz americana Meghan Markle. O primeiro dos duques foi espião e brilhante, enquanto o atual é discreto e socialmente apagado.

Quem os descreve é Kenneth Maxwell, historiador britânico e especialista no século 18. O livro —o que abarca de Tiradentes ao Marquês de Pombal, Formosa em Cambridge e criador do centro de estudos brasileiros em Harvard, Maxwell se tornou cronista, com ensaios publicados pela revista Second Line of Defense. Seus textos têm estilo culto e sedutor.

Kenneth Maxwell em “Global Trends” foi publicado no ano passado no Reino Unido pela Amazon, e não tem ainda tradução portuguesa para o português. O livro traz 11 textos escritos de 2011 a 2023.

Mas voltamos a Lisboa, com o príncipe dom João I, regente e governando no lugar da mãe. Um dos afilhados de Pombal se chama Rodrigo de Souza Coutinho, ministro da Marinha e de Ultramar. Ele contraiu como secretário um jovem brilhante saído de Coimbra, o brasileiro Hipólito da Costa —o mesmo que depois criaria em Londres o “Correio Brasileiro”, o primeiro jornal da mídia brasileira.

Em outra crônica, Maxwell discute sobre as relações de Brasil e EUA durante a Segunda Guerra Mundial. O partido nazista tinha em solo brasileiro 2,9 mil membros e era o maior fora da Alemanha. Mas Berlin agiu com burrice ao afundar barcos brasileiros, como o Baptyen, em agosto de 1943, matando 300 passageiros.

Um clima que ajudou a entrada do Brasil no conflito e o envio à Itália de 23,3 mil militares, dos quais 447 foram mortos em combate. Maxwell diz que o governo brasileiro sentiu-se melindrado por não ter ganho uma fatia do bolo político que os aliados dividiram entre os vencedores.

Para Biden, vencer no estado não seria suficiente; para Trump, uma necessidade”, diz Asher Hildesbrand, professor de ciência política na Universidade de Duke. “Não há caminho para a vitória de Trump que não inclua a Carolina do Norte”.

Kenneth Maxwell em “Global Trends”

Org. Robin Lord Ed. Second Line of Defense. Quarta

R\$ 24,90 (480 págs. — ebook)

[com. Sylvia Oliveira]

188. Mundo Leu

Org. Lúcia Oliveira

São. Igor Patrick